Renato Russo conhecia seu destino

O apartamento da pintora **Leo Coimbra**, 41, em Brasília, tem livros e obras de arte espalhados por quase todos os cantos. Em algum desses recantos, muito bem guardadas, as lembranças (fotografias, discos e cartões) de um grande amigo da família: Renato Russo. Leo conheceu o músico e compositor no início dos anos 80, antes de o Legião Urbana nascer. Foi em homenagem a ela e ao marido, um diplomata, que Renato compôs *Eduardo e Mônica* *(confira a letra na página 6)*. Para falar do temperamento, do cotidiano e do trabalho de seu amigo, Leo recebeu o Zerou em sua casa.

TINA COELHO – CANDANGO PRESS, ESPECIAL/ZH

Leo guarda em casa fotografias do grande amigo, o músico Renato Russo

Zerou – Como você conheceu o Renato Russo?
Leo – Foi no início dos anos 80, em Brasília, em um bar chamado Adrenalina, onde iam os punks. O Renato dava aulas de inglês e conhecia minha cunhada, também professora. Quando me apresentaram, fiquei impressionadíssima com a figura. Ele tinha dois buracos na calça, na altura do joelho, e um A e um E desenhados a caneta em cada perna. Era o símbolo do Aborto Elétrico, sua banda. Era uma figura impressionante, carismática.
De cara nós ficamos superamigos. Foi mútua a simpatia.

Zerou – Como era esse carisma?
Leo – Ele não era nem um pouco tímido. Ele era um cara muito inteligente, tinha uma cultura geral muito abrangente. Se você gostava de moda, por exemplo, ele falava de moda. Sabia puxar um assunto, entendia de vários temas.

Zerou – Vocês foram amigos até ele morrer?
Leo – Até ele morrer. Eu passei sete anos fora do Brasil, de 1991 a 1998. A última vez que eu o vi pessoalmente foi em 1994, quando viajei a Brasília de férias. Em 1996, viajei outra vez a Brasília, mas ele estava no Rio, e a gente só se falou por telefone. Ele já estava doente, mas eu não tinha noção do grau, do quão mal ele estava. Se soubesse, tinha me virado para ir ao Rio. Mas eu estava sem dinheiro. Ficamos horas falando por telefone, falamos muito sobre o disco *Equilíbrio Distante*. Eu tinha feito um quadro ao qual dei o nome de *Equilíbrio Distante*. Enfim, foi a última vez em que nos falamos, mas nossa relação era assim: eu sempre escrevia para ele, e ele sempre me ligava. Ele passava horas no telefone. Ele gostava de falar no telefone.

Zerou – Diziam que o Renato estava muito deprimido antes de morrer.
Leo – Ele me ligava e falava o que estava sentindo. Mas é muito complicado, quando você está longe, avaliar o grau, o que a pessoa está passando. Eu tinha a maior expectativa de que ele vencesse. Nós tivemos uma briga de amigos antes de ele morrer, e não tivemos tempo de nos reconciliar. Ele me ligou uma vez, estava muito mal, e eu disse para ele: "Sai dessa, reage". Mas ele desligou o telefone. Eu pensei: ele não está morrendo coisa nenhuma. Minha grande mágoa é que não consegui ver esse momento. Não houve um "eu te perdôo", essas coisas que as pessoas que se amam dizem.
A gente precisa dessas palavras, precisa perdoar. Mas isso não aconteceu. De repente, não tem nada a ver... Ele estava muito sozinho. Não viveu um grande amor. O final foi muito amargo. O disco *A Tempestade* é de uma amargura... Eu chorava, porque recebi o disco no Equador, antes de sair. Nesse disco, ele não tem mais voz, dá para ver que é o último suspiro. Para mim, aquilo foi um baque. Acho que, naquele momento, eu entendi realmente o que estava acontecendo.

Zerou – Como ele era no cotidiano? Um cara bem humorado? Mal-humorado?
Leo – Ele era humano, tinha dias em que acordava de mau humor, tinha dias em que estava maravilhoso. Ele tinha uma coisa que eu também tenho, e por isso entendo perfeitamente: uma curva de humor muito louca, muito acentuada. Tem dias em que estou a mil, tem dias em que caio. Nós tínhamos uma relação assim: quando eu estava muito deprimida, eu ligava para ele e saía do telefone outra. Com ele, acontecia a mesma coisa. Ele era uma pessoa muito legal, era generoso, mas, às vezes, era egoísta.

Zerou – Quando ele era generoso e quando ele era egoísta?
Leo – Ele era generoso com quem realmente precisava. Ele era egoísta quando via que as pessoas queriam se aproveitar. O egoísmo era uma defesa. Ele tinha essa ambigüidade, que é inerente ao ser humano. O que era realmente extraordinário na personalidade dele é que ele tinha uma cultura fora do comum. Era um cara muito culto. Música, literatura, cinema... Ele lia muito. Varava a noite, era um cara noturno. Passava a noite produzindo.

Zerou – Qual a sua música preferida do Legião Urbana?
Leo – É superdifícil... Adoro *Angra dos Reis*, acho lindo. Tem várias: adoro *Soldados*, gosto muito do disco *Dois*. *Vento no Litoral* acho maravilhoso.

"Ao lado da minha casa / morre o sol e nasce o vento. / O vento me traz teu nome, / leva o sol meu pensamento"

Cecília Meireles

Zerou – É verdade que a música *Soldados* foi composta na sua casa?
Leo – Nós estávamos, um dia, vendo um livro sobre a II Guerra Mundial. E ele escreveu *Soldados*. Rapidinho. Sentou e escreveu. Pronto. Foi assim.

Zerou – E a história de *Eduardo e Monica*?
Leo – Essa música ele fez para o meu marido e para mim. É uma homenagem que ele dedicou à gente. Ele publicamente disse que dedicou à gente. Tem também outra composição, *Uma Outra Estação*, que está no disco póstumo, que ele dedicou para mim. É uma música linda.

Zerou – A história da Monica, a personagem da letra, não é exatamente a sua história.
Leo – Não. Claro que tem coisas com as quais eu me identifico. Por exemplo, eu gosto de poesia, gosto de Rimbaud. Adoro Caetano. Mas nunca andei de moto. Não fiz Medicina. Minha vó é alemã, mas não falo nada de alemão. Meu marido é dois anos mais novo do que eu, mas na música parece que é 10. A música com a qual eu me identifico cem por cento é *Uma Outra Estação*, que é uma resposta a uma carta que escrevi para ele. Eu estava morando no Equador quando escrevi.

Zerou – Qual era o maior defeito e a maior qualidade do Renato?
Leo – Isso é uma coisa difícil, porque o maior defeito é também a maior qualidade de qualquer um. Acho que a ansiedade era o maior defeito e a maior qualidade do Renato. A qualidade porque fazia com que ele produzisse coisas maravilhosas, essas pérolas que ele nos deixou. E o defeito porque foi o que provocou uma aceleração do processo de término. A ansiedade de não conseguir se superar no tempo que ele pretendia, na velocidade que ele pretendia. Então, ao mesmo tempo que era um propulsor, a ansiedade fez com que ele caísse também. Levou-o para baixo.

Zerou – Pelo que você contou, ele sentia quando as pessoas se aproximavam por interesse. Como ele agia nesses casos?
Leo – Depende da pessoa. Porque muitas vezes a pessoa se aproxima de um astro e usa uma artimanha, mas tem alguma coisa para dar. Se havia troca, ele não tinha problemas, ele superava o interesse dessa aproximação. Agora, se só tinha sugação, se a pessoa só estava interessada em usufruir, não tinha nada para dar, ele ficava bastante irritado. E ele irritado não era nada bonitinho nem agradável. Uma pessoa legal era bem-recebida. Um idiota era mal-recebido.

Zerou – Do que você mais sente falta em relação ao Renato?
Leo – Dos telefonemas. A gente tinha uma relação de leitura. Eu dizia: "Li um livro legal, leia você também". Fazíamos isso com cinema também. Essas coisas de amigo. Disso sinto muita falta. E a falta que as pessoas fazem mesmo, de ouvir a voz. Às vezes, depois que ele morreu, eu ligava para o Rio, para o apartamento que era dele, só para ouvir a voz do Renato na secretária eletrônica. A mensagem na secretária era assim: "Oi. Não posso atender agora". Depois tinha uma musiquinha. Para os fãs, uma coisa muito próxima do Renatinho, da figura que ficava sentada na sala comigo, é esse CD unplugged da MTV. Aquilo era ele. Aquele jeitinho era ele. Às vezes, ele ligava e dizia assim: "Só estou ligando para dizer alô". Ele era supercarinhoso. Ele teve muitos amigos e muitas amigas. Ele se cercou de amigos superfiéis.

Zerou – Que histórias vocês viveram juntos e que retratam a personalidade dele?
Leo – Uma vez, ele veio a Brasília e nós estávamos caminhando pela cidade. Tinha umas pessoas morando em uma passagem subterrânea, um buraco. Uma coisa bem triste de se ver, pessoas morando como bichos. E essas pessoas o reconheceram. Ele já era Renato Russo. Ele se aproximou delas e ficou sensibilizado com a miséria, com a urgência de que algo acontecesse ali. Ele tirou o dinheiro que tinha no bolso e deu a eles e cantou uma canção. Foi lindo. Tinha uma senhora, bem velhinha, que ficava abraçando ele... Não foi nem pelo dinheiro, mas por cantar para eles.

Zerou – Depois que o Legião Urbana estourou, o Renato mudou?
Leo – É difícil não mudar. Mas ele se tornou uma pessoa melhor. Porque tinha consciência do que podia mexer na cabeça dos outros. Ele tinha consciência desse poder e de que tinha que falar do bem. Fazer a cabeça da juventude para fazer coisas legais e ser uma pessoa legal, uma pessoa honesta, equilibrada. Ele sabia a força da palavra. Então ele mudou nesse sentido: de reconhecer o poder que tinha. Uma coisa que acho legal que todo mundo saiba é que ele sempre soube qual seria o seu destino. Ele sempre soube o que ele se tornaria, que seria um cara famoso, sempre soube que a vida dele seria curta.

Zerou – Por que você acha que a imagem dele de uns anos para cá tem sido venerada por jovens de uma faixa etária que praticamente não acompanhou a carreira do Renato enquanto ele estava vivo?
Leo – Isso é muito comum na história do rock'n'roll. Esses caras que interromperam a vida precocemente não estão mais trabalhando, então, na verdade, a memória dessas figuras é cultuada para que elas não morram, para que elas sobrevivam. Acho que essa é a função do mito.

BANCO DE DADOS/ZH

Renato: ídolo de muitas décadas

Zerou – Um recado para os fãs do Renato.
Leo – Acho que tem que falar para esses meninos que a linha do Renato era do bem. Ele estava do lado do bem. E que essa rapaziada escute com atenção as letras que ele escreveu e se ligue em tudo de positivo dessas letras. Ele cansava de falar isso: se for para fazer rock'n'roll, pega o teu amigo e a tua guitarra e vai para a tua garagem, abre um espaço qualquer no teu quarto, e faz rock'n'roll. Em vez de estar aí, dando porrada, bancando o mala, o mauricinho, o babaquinha, o idiotinha, vai fazer alguma coisa que realmente faça a cabeça das pessoas para o bem. Para que a gente transforme um pouco essa herança que a gente tem da colônia, dessa corja de ladrões, de aventureiros, de trapaceiros, de corruptos. E cabe a essa rapaziada. É a eles que está reservado o mundo.

Ângela Ravazzolo